



A PASSAGEM DO SOL. A superposição dos volumes é complexa. A falta de espaço transcreve a dimensão do possível. Não há abertura. Nem perspectiva. Todos os caminhos estão bloqueados. Por caixas, objetos plásticos, panos, pernas. A profundidade inexistente. A massa dos corpos se aperta no retângulo. Ao rés do chão. Parece escorregar. Esvair-se. Para níveis ainda mais baixos. Tudo é descendente. A altura abandonou esse microcosmo. Tornou-se invisível. As personagens perderam o contato com essa grandeza. Estão depostas. Sobre uma madeira desgastada. Não há clareza nas linhas. Reina o improvisado. A precariedade. Elementos jogados. Amarfanhados. Estampas indefinidas. Dobras e volumes fortuitos. Cabeças desalinhas. Pernas frágeis. Inúteis. Pés que não sustentam. Corpos desmonta-

dos. Estruturas humanas embaralhadas. Alheias à simetria. À harmonia do duplo. Estátuas que se petrificam no rigor da morte. Olhares desencontrados. Diluídos. Ocos. Desalentados. Estarrecidos. Corações ocultos. Braços enormes. Em linhas que se confundem. Se fundem. Se prolongam. Desafiando a lógica do corpo único. Buscando dilatar os espaços dos fluidos vitais. Abrindo caminho para as gotas de chuva do soro. Envolvendo. Materializando a densidade do abandono compartilhado. Mas de repente um sol passa. Provocante. A intensidade de seus raios transmuta a cena.

Aporta o vigor ausente. Cria uma visibilidade ascendente. Um passo de dança. Um movimento voluntário. Uma expressão definida. Quebra os limites do chão. Renega todas as mãos voltadas para dentro. Símbolos característicos de seu ocaso. O sol chega com sua ambivalência de senhor de todos os excessos. Como nos mitos africanos. Com seus poderes de ressecamento, de esterilidade, de morte. E igualmente de fecundação, crescimento, vida. Iluminando cada manhã. E submergindo a cada noite no reino dos mortos. Impossível saber com que desígnios aqui se apresenta. A única certeza é a de se manifestar como uma auréola. O atributo dos eleitos. O emblema da vida eterna. A marca dos condenados do mundo. Velados pela piedade. Ícones universais.



< Zaire [atual República Democrática do Congo], 1994

Proposta de atividades

- Propor uma atividade de pesquisa sobre organizações não-governamentais e entidades assistenciais, seus objetivos e métodos de trabalho. Quem são os *Médicos sem Fronteiras*?
- Pesquisar sobre os problemas de sobrevivência no continente africano. Enfatizar a questão do Zaire, atual República Democrática do Congo.



A escolha da posição do fotógrafo é muito importante. Dá-se pela relação das várias linhas que definem a imagem. A posição vertical foi pensada em razão das linhas definidas pelos braços e pernas, enquadrando todo o assunto. O enquadramento lateral foi definido pela relação de proporcionalidade vertical e horizontal. Esta foto foi tomada a partir de uma posição baixa. O fotógrafo valorizou a perspectiva e a proximidade para realçar a força da imagem.

Temas transversais

- As imagens de proteção da vida. Os santos. Os ex-votos. As promessas.